

# CIORAN E A PÓS- MODERNIDADE: UMA CRÍTICA ÀS METANARRATIVAS

Flávio Rocha de Deus<sup>1</sup>

**RESUMO:** Apesar da diversidade de percepções do que vem a ser a pós-modernidade, existe um ponto de convergência entre uma parte significativa dos estudiosos do tema, que é caracterização desta época como um período de falência e descrença em ideias totalizantes. Através do olhar de Emil Cioran, enxergamos as grandes ideologias e metanarrativas como escatologias desejadas, definidas pelo autor como utopias, em que, não apenas se compõe uma possibilidade de fim racionalizado, mas também uma forma adequada de fim. Neste trabalho, pretendemos extrair conceitos para o que vem a ser a modernidade e a pós-modernidade, para apresentar características da concepção desta e como estas mesmas características encontram-se presentes nos escritos de Emil Cioran, especificamente em seus ensaios "Genealogia do fanatismo" e "Mecanismo da utopia".

**PALAVRAS-CHAVE:** Cioran. Pós-modernidade. Metanarrativas. Utopia.

## CIORAN AND THE POSTMODERNITY: A CRITIC OF THE METANARRATIVES

**ABSTRACT:** Despite the diversity of perceptions of what postmodernity is, there is a point of convergence between a significant part of the scholars of the theme, which is characterizing this period as a period of bankruptcy and disbelief in totalizing ideas. Through the eyes of Emil Cioran, we see the great ideologies and metanarratives as desired eschatologies, defined by the author as utopias, in which, not only is a possibility of a rationalized end composed, but also an adequate form of end. In this work, we intend to extract concepts for what modernity and post-modernity become, to present characteristics of the conception of this and how these same characteristics are present in the writings of Emil Cioran, specifically in his essays "Genealogy of fanaticism" and "Mechanism of utopia".

---

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia pelo Departamento de Educação do Campus I da Universidade do Estado da Bahia. Bolsista PIBID vinculado ao Núcleo de Filosofia e Cinema na Educação Básica, atuando no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. E-mail: [rocha.iflavio@gmail.com](mailto:rocha.iflavio@gmail.com)

**KEYWORDS:** Cioran. Postmodernity. Metanarratives. Utopia.

## Introdução

Vislumbrando as pretensões da modernidade, o século XX se depara com o colapso das ideologias do ocidente e a descrença na razão como farol para guiar as sociedades a uma compreensão total dos fenômenos, surgindo aí o que chamamos de pós-modernidade. Jean-François Lyotard caracterizará a pós-modernidade como o fim das *metanarrativas*, uma grande narrativa com o objetivo de explicar de forma totalizante os acontecimentos e, principalmente, sua projeção futura através de um único discurso. Partindo deste ponto, podemos nos perguntar se Emil Cioran pode ser classificado como um pós-moderno? Apesar de não existir uma concordância sobre em que período começa de fato o pós-modernidade, foi com Lyotard e a sua publicação de *A condição pós-Moderna* (1986), que a ideia de *pós-modernidade* passou a ser usada de forma mais precisa, sendo, portanto, as obras de Cioran anteriores ao movimento, porém, mesmo sendo questionável vincular os escritos de Cioran ao movimento dito pós-moderno, é possível encontrar algumas aproximações, sendo esta a nossa intenção. Neste trabalho, pretende-se apresentar características do movimento pós-moderno e como estas mesmas características encontram-se presentes nos escritos de Emil Cioran, especificamente, em seus ensaios "Genealogia do fanatismo" e "Mecanismos de Utopia". Através do olhar de Cioran, enxergamos as grandes narrativas como escatologias desejadas, definidas pelo autor como utopias. Se no passado, filósofos acreditavam ter descoberto o código da história e sua ordenação para o futuro, colocando na passagem do tempo uma objetividade, Cioran desdenha dessa pretensão, ajudando-nos a ver a história como uma série de acasos e imune aos planos teóricos.

## As pretensões da modernidade

O prefixo *pós* é usado ordinariamente para designar a ideia de ruptura ou ultrapassagem, por isso, antes de falar de *pós-modernidade*, faz-se necessário definimos o que vem a ser a *modernidade*, para em seguida abordarmos o que seria sua formação posterior, e diante de diversas possíveis interpretações, delimitarmos nosso entendimento destes termos para os fins deste trabalho. Como o historiador Perry Anderson nos aponta em *As origens da pós-modernidade*, o termo *modernidade*, é originário da América hispânica e surgiu "para designar um movimento estético a um poeta nicaraguense que escrevia num periódico guatemalteco sobre um embate literário no Peru", movimento este, que inspirado em escolas francesas clamava a autonomia cultural em relação à

Espanha (ANDERSON, 1999, p. 9). Posteriormente, com a “globalização” do termo e do movimento, que, opondo-se ao tradicionalismo em diversos campos das artes e dos costumes, propunham à criação de uma nova cultura, o termo *moderno* também adquiriu o significado de algo oposto à tradição, ou à antiguidade, podendo também ser entendido como um sinônimo de contemporâneo.

Apesar da divergência conceitual do que seria a pós-modernidade, pode-se dizer que existe um consenso do que foi a modernidade: uma grande crença no futuro, na ordem e no progresso contínuo. Como disse Arnold Toynbee (1889-1975), em uma de suas publicações, graças a um estado de prosperidade e progresso nunca antes visto, considerava-se lógico pensar “que o fim de uma era da história de uma civilização era o fim da própria história, [imaginava-se que] uma vida moderna sadia, segura e satisfatória tinha milagrosamente chegado para ficar, como um eterno presente”. (ANDERSON, 1999, p. 11-12).

Para Zygmunt Bauman (1925-2017), o que moveu os pensadores da modernidade foi a insatisfação com a solidez de seus conhecimentos. Os modernos acreditavam que não eram suficientemente sólidos, e a verdadeira ordem que iriam construir – a modernidade – seria diferente, pois seria realmente sólida. E o que significaria ser verdadeiramente sólido? Segundo o próprio Bauman, significaria ser uma sociedade perfeita. Seria a época das verdades totalizantes guiadas pela razão e pela ciência, das dúvidas erradicadas, do progresso contínuo e da ordem social.

Em *Modernidade e Ambivalência*, Bauman demonstra o quanto a modernidade esteve em busca da eliminação da ambiguidade e conceituar suas disposições de forma precisa e universal, pois, se “classificar, em outras palavras, é dar ao mundo uma *estrutura* [...] a função nomeadora/classificadora da linguagem tem, de modo ostensivo, a prevenção da ambivalência como seu propósito” (BAUMAN, 1999, p. 9-11). Uma das premissas de partida do mesmo é o desconforto que a desordem nos provoca; próximo de uma noção sartreana de angustia, Bauman nos apresenta o mal-estar da incerteza, o que justificaria a busca do homem moderno por conclusões irrevogáveis.

O sociólogo Marx Weber (1864-1920) cunhou o conceito de *desencantamento do mundo*, “a eliminação da magia como meio de salvação” (WEBER, 2004, p. 106), para designar um período de transição das sociedades em que o progresso deixa ser pensado como algo misterioso ou ordenado por entidades superiores, mas sim através da razão e do pensamento metódico, portanto, sem a crença em milagres, o homem trouxe para suas mãos a responsabilidade de ordenar o mundo. “A

humanidade partiu de um universo habitado pelo sagrado, pelo mágico, excepcional e chegou a um mundo racionalizado, material, manipulado pela técnica e pela ciência” (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA; 2009, p.131). A ruptura com o místico e crenças não científicas é um ponto nevrálgico para definir a modernidade,

[...] a modernidade foi puramente racionalista. São autores como Thomas Kuhn que mostraram isso. [...] a partir do século 17, a Europa seguiu a *via recta*, a estrada reta da razão. Quer dizer, um só valor. E para seguir a estrada reta da razão, deixou-se à beira da estrada toda uma série de bagagens inúteis - o sonho, o jogo, o simbólico, o imaginário - para ser eficaz. O resultado disso foi a sociedade moderna. (MAFFESOLI in BARROS, 2013, p. 14).

### **Pós-modernidade: fim das metanarrativas**

Vislumbrando as pretensões da modernidade, o século XX deparou-se, como diz o sociólogo francês Michel Maffesoli, com o colapso das ideologias do Ocidente, e a descrença na razão como farol para guiar as sociedades a uma compreensão total dos fenômenos. É um consenso que a noção de fracasso de ideais totalizantes é um ponto de convergência entre os teóricos para conceituar a pós-modernidade. Em 1955, o sociólogo norte-americano Charles Wright Mills, seguindo esta percepção de fracasso das grandes narrativas para o futuro, caracterizou a pós-modernidade como “uma época na qual os ideais modernos do liberalismo e do socialismo tinham simplesmente falido, quando a razão e a liberdade se separam numa sociedade pós-moderna de impulso cego e conformidade vazia” (ANDERSON, 1999, p. 18).

Se podemos definir o *desencantamento do mundo* como a negação de pilares transcendentais superiores e a afirmação intensa da superioridade da razão, sendo o mesmo uma importante condição para a formação do espírito da modernidade, o que ocorre quando o desencantamento desta vez não é mais com as crenças da tradição, mas com as promessas da razão?

Podemos dizer que aí surge o que chamamos de pós-modernidade. Jean-François Lyotard (1924-1998) caracterizará a pós-modernidade como o fim das *metanarrativas*, os principais exemplos que o mesmo usa são: o iluminismo, o idealismo e o marxismo. O conceito de *metanarrativa* foi desenvolvido pelo mesmo para caracterizar uma grande narrativa com o objetivo de explicar de forma totalizante os acontecimentos e, principalmente, sua projeção futura através de um único discurso.

Desde o momento em que se invalidou o enquadramento metafísico da ciência moderna, vem ocorrendo não apenas a crise de conceitos caros ao pensamento moderno, tais como “razão”, “sujeito”, “totalidade”, “verdade”, “progresso”. O pós-moderno enquanto condição da cultura nesta era caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o metadiscurso

filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes. (BARBOZA, in LYOTARD, 1988, p. viii).

Com os conceitos de modernidade e pós-modernidade já definidos, podemos nos perguntar: Emil Cioran (1911-1995) pode ser classificado como um pós-moderno? Categorizar Emil Cioran como um pós-moderno talvez possa ser considerado um anacronismo, pois, apesar de não existir uma concordância sobre em que período começa de fato o pós-modernidade, foi com Lyotard e a sua publicação de *A condição pós-Moderna* (1986), que o conceito de pós-modernidade passou a ser usada de forma mais precisa. Deste modo os escritos de Cioran são “anteriores ao movimento [...] mas é possível encontrar algumas aproximações” (OLIVEIRA, 2016, p. 67). Sendo, portanto, nossa intenção, não a de classificá-lo como um pós-moderno, mas encontrar possíveis aproximações com as concepções de outros autores sobre esta fase, dando ênfase a concepção de Lyotard sobre a pós-modernidade como fim das metanarrativas.

Em *Breviário de decomposição*, primeiro livro do autor escrito em língua francesa, Cioran dedica seu primeiro ensaio, “Genealogia do fanatismo”, à construção de uma forte crítica ao fanatismo. Já em *História e utopia*, como nos diz Thomaz Brum, é onde se encontra “a exposição mais clara do que pensa Cioran da política, história e sociedade” (CIORAN, 2014) Em um dos seus ensaios: “Mecanismo de utopia” ele mostra as semelhanças entre as religiões e as utopias, podendo também ser entendidas como ideologias, discursos totalizantes e, principalmente, metanarrativas.

### **A ingenuidade da razão na história**

Durante a história da filosofia tivemos diversos pensadores propondo sistemas racionais para uma compreensão da história, entretanto, a filosofia hegeliana é considerada por muitos, como Sartre na *Crítica da razão dialética*, como o mais completo sistema elaborado e que mais realizou na modernidade a ambição da totalidade de sistema absoluto; o que torna Hegel um contraponto ideal para demonstrar a descrença de Cioran em uma possibilidade de história racional.

Para Hegel, a compreensão histórica presente, apenas se dará em um estágio mais avançado da humanidade, quando olharmos para os acontecimentos do passado. Ele compreende que a história não é absolutamente aleatória, pelo contrário, ela está caminhando para um lugar determinado. Com uma percepção dialética, Hegel desenvolveu uma escatologia que visa o alcance de um estado de plena liberdade pelos caminhos razão. Como o mesmo diz,

O único pensamento que a filosofia aporta é a contemplação da história; é a simples ideia de que a razão governa o mundo, e que, portanto, a história universal é também um processo racional [...] o estudo da história universal resultou e deve resultar em que nela tudo aconteceu racionalmente, e que ela foi a marcha racional e necessária do espírito universal. O espírito cuja natureza é sempre idêntica e que a explicita na existência universal. (HEGEL, 1999, p. 17-18).

Se, no passado, filósofos como Hegel acreditavam ter descoberto o código da história e sua ordenação para o futuro, que aponta para onde a mesma vai, ou melhor: para onde ela deve ir, colocando na passagem do tempo uma objetividade, Cioran desdenha dessa pretensão, ajudando-nos a ver a história como uma série de acasos e imune aos planos teóricos. Uma racionalização de uma totalidade que prevê o futuro é, para ele, uma utopia. Para Cioran, utopias são escritas por “uma multidão de arrebatados que querem o mundo aqui e agora”, e não nos permite esquecer que o significado de utopia quer dizer algo que vai acontecer “*em parte alguma*” (CIORAN, 2014).

Segundo Cioran, é necessária uma grande dose de tolice e ingenuidade para conceber um plano teórico de tamanha magnitude como uma verdade. Em “Mecanismos de utopia” ele reitera o constante ato da história em jogar no precipício do fracasso de toda grande metanarrativa. Como ele conclui:

Ninguém quer aceitar que a história se desenvolve *sem nenhum motivo*, independentemente de uma direção determinada, de um objetivo [...]. As teorias podem fazer nada, já que o fundo da história é impermeável às doutrinas que marcam sua aparência, a era cristã foi algo muito diferente do cristianismo; a era comunista, por sua vez, não saberia evocar o comunismo enquanto tal. (CIORAN, 2014).

### **Aplauso ao ceticismo**

As grandes narrativas produzidas pela modernidade são o alvo de fortes críticas de Cioran, suas principais premissas para este desgosto é sua visão sobre o sentido histórico. Segundo o mesmo, essas metanarrativas, independente de suas singularidades encontram-se enquadradas em um mesmo desejo: dar um novo sentido a história. Partindo deste pressuposto, poderíamos enquadrar diversos movimentos e correntes do pensamento como o iluminismo, o cristianismo, o socialismo, o liberalismo, o hegelianismo dentre muitos outros “ismos” como sinônimos, já que em todos estes casos introduzem nos problemas das sociedades um determinismo teórico como solução ou análise.

Cioran afirma, em “Breviários da Decomposição”, que a história confirma o ceticismo. Ou seja, qualquer questão que se faz às crenças (religiosas ou ideológicas), elas, as questões, são confirmadas pelo tempo, ou seja, pela história. Na visão de Cioran, confirmadas historicamente, mas em uma perspectiva negativa [em que] o homem é um animal cismático por natureza e o futuro não se processará afastado destes desejos cismáticos.

Mesmo assim a história está aí, somos e estamos sujeitos a ela, para bem ou para o mau, a nosso gosto ou não. (SCHLENKER, 2015)

Cioran dá início a sua obra *Breviário de decomposição* com o seu ensaio "Genealogia no fanatismo". Segundo o mesmo "em si mesma, toda ideia é neutra ou deveria sê-lo; mas o homem a anima" (CIORAN, 1989, p. 11), projetando nas suas ideias suas paixões, virtudes e pecados, o homem transforma sua vazia ideia em uma crença e dá início às metanarrativas ideológicas. Próximo a um rio que tem que desaguar no mar, uma ideia lógica, ou não, muito valorizada é quase sempre condenada a desaguar em um epilético oceano de utopias, em que de fato, como diz o autor, a história se encontra condenada a ver um eterno desfile delas, um eterno desfile de falsos absolutos. Se perguntássemos para Cioran se a modernidade foi o fim da religião, talvez o mesmo olhasse para nós com um semblante risonho dizendo-nos que migramos a fé para outro deus: a razão. Mantemos a fé, entretanto, nosso objeto de culto não é mais uma entidade sobrenatural que exerce milagres pelo misticismo, a nossa fé está agora em diversas profecias acadêmicas, em silogismos muito bem fundamentados, que servem como um passo a passo para alcançar em terra, através de uma *práxis*, uma sociedade perfeita.

É interessante analisarmos a forma como Cioran se apresenta a estas construções metanarrativas, em *História e utopia* ele se propõe a refletir sobre as fundamentações das utopias, principalmente, as ideológicas, e como estas mesmas são capazes de provocar a esperança da perfeição e a justificação de atos, por exemplo: os violentos. A busca por um mundo sem ambivalências, o vislumbre do mundo através de uma unidade, é daí que surge os grandes *ismos*.

Se a religião cristã provocou nos homens a noção de que todas as nossas ações na terra é um mero intermédio em direção a um fim último, já predeterminado, ao lado do criador, Cioran caminha ao lado de pensadores como Albert Camus, que concorda que grandes teóricos como Karl Marx destronam a deidade pela concepção de progresso, sendo assim, marxistas, tal como cristãos, acreditam que a história segue um caminho para uma finalidade social sem ambivalências. "Com o mesmo romantismo cego, Marx por sua vez profetiza a sociedade sem classes e a resolução do mistério histórico. Mais cauteloso, contudo, não marca uma data" (CAMUS, 2017, p. 243).

Albert Camus, em seu ensaio "Democracia, um exercício de modéstia" nos apresenta sua cética visão a pensamentos totalizantes, mostrando-nos dois posicionamentos que apesar de opostos, segundo o mesmo, são iguais em um ponto nevrálgico: "ambos expressam-se com absoluta certeza". Acredito que possamos definir essas duas classes que Camus nos apresenta como

deterministas passivos e deterministas ativos, sendo este o que mais nos importa no momento. Enquanto o passivo crê na inevitabilidade dos acontecimentos, o ativo acredita que tais determinações podem ser mudadas, mas tais mudanças dependem “desse ou daquele fator”, ou seja, saímos de um determinante para outro, e se dependemos deste fator para alavancar a história ou realizar esta utopia, torna-se lógico oprimir:

1) aqueles que pensam que nenhuma mudança é possível; 2) aqueles que não concordam com o fator; 3) aqueles que, embora concordem plenamente com o fator, não concordam com os meios a serem usados para modificar o fator; 4) todos aqueles, em geral, que acham que as coisas não são tão simples assim. (CAMUS, 2001, p. 13, tradução nossa).

Camus, vivendo no conturbado período político que viveu, com as experiências e exclusões políticas que sofreu, não discordaria de Cioran, quando este diz que “o espírito do mal reside em na tensão da vontade, na inaptidão para o quietismo, na megalomania profética de uma raça que se arrebenta de tanto ideal, que explode sob suas convicções.” (CIORAN, 1989, p. 12).

Para Cioran, um remédio contra a enfermidade do fanatismo e conseqüentemente da formulação de utopias (metanarrativas) é o ceticismo; pois da lepra do desejo de criar um grande futuro idealizado, segundo o mesmo, só estão salvos os cétricos, preguiçosos e os estetas, já que estes mesmos não realizam propostas, provavelmente por não se considerarem próximos o suficiente do sucesso de uma verdade totalizante. Como o mesmo reitera, “sinto-me mais seguro junto de um Pirro do que de um São Paulo, pela razão de que uma sabedoria de boutades é mais doce do que uma santidade desenfreada” (CIORAN, 1989, p. 12).

Basta-me ouvir alguém falar sinceramente de ideal, de futuro, de filosofia, ouvi-lo dizer “nós” com um tom de segurança, invocar os “outros” e sentir-se seu intérprete, para que o considere meu inimigo. Vejo nele um tirano fracassado. (CIORAN, 1989, p. 13).

Em formas gerais, se pudéssemos estruturar uma postura ética em Cioran, essa filosofia prática seria baseada moderadamente no quietismo e fortemente nutrida pela dúvida e constante descrença de um ceticismo. Como o mesmo diz, “O diabo empalidece comparado a quem *dispõe* de uma verdade, de *sua* verdade” (CIORAN, 1989, p. 11).

### **Considerações finais**

Cioran nos apresenta um ceticismo na ideia de progresso histórico, predeterminações racionais ou teorias escatológicas. Essa postura é o ponto de ligação que nos permite aproximar Cioran da pós-modernidade.

Se, em *Genealogia do fanatismo*, Cioran nos apresenta uma crítica aos indivíduos que elegem uma ideia como seu deus e oferta um elogio aos céticos, em *Mecanismos de utopia* ele, ao assemelhar ideologias a religiões, já estabelece uma crítica as metanarrativas e reitera seu pessimismo cético, ou seja, para Cioran elas tendem unicamente ao caminho do fracasso, o que é um ponto de conexão com as teorias da pós-modernidade. Em ambos os casos, grandes pretensões para o futuro, sistemas totalizantes e qualquer noção de absoluto, já não são mais acreditadas como nos palcos da modernidade.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BARROS, Eduardo Portanova. Michel Maffesoli: a pós-modernidade se orienta para "algo de anarquista". Tradução: Ana Taís Barros. In: *Em Questão*, v. 19, n.2. 2013. pp. 12-19. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/41958/31044>> último acesso: 17 de outubro de 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CAMUS, Albert. Democracy is an exercise in modesty. Tradução: Adrian van den Hoven. In: *Sartre Studies International*, vol. 7, n. 2, 2001. pp. 12-14. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/23510953?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/23510953?seq=1#page_scan_tab_contents)> último acesso: 13 de outubro de 2018.

CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Tradução: Valerie Rumkanek. 2ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

CIORAN, Emil. *Breviário de decomposição*. Tradução: José Thomaz Brum. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

CIORAN, Emil. *História e Utopia*. Tradução: José Thomaz Brum. [On-line]. 2014. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-historia-e-utopia-emil-cioran-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/>> último acesso: 09 de setembro de 2018.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da história*. Tradução: Maria Rodrigues e Hans Harden. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Tradução: Ricardo Corrêa Barbosa. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

OLIVEIRA, Fernando Santarosa. *O pessimismo de Cioran e Céline: o desafio de pensar sem utopia*. 120 p. [Dissertação de mestrado em Letras]. Universidade Federal de São João del-Rei, 2016. Disponível em: <<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/Dissertacao%20Fernando%20Santarosa.pdf>> último acesso: 18 de outubro de 2018.

SCHLENKER, Rodrigo. Conhecimento histórico na obra "História e utopia" de Emil Cioran. In: *Anais do II Congresso Internacional de História UEPG-Unicentro*. [On-line]. 2015. Disponível em: <<http://www.cih2015.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares?AREA=6>> último acesso: 05 de setembro de 2018.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

WEBER, Max. *Ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.